

FAGNER BORGES

CRIADOR DO MOVIMENTO FREESIDER



A JORNADA

AS 4 COMPETÊNCIAS PARA SE
TORNAR O LÍDER DA PRÓPRIA VIDA
E PARAR DE SOFRER PELA FALTA
DE TEMPO E DINHEIRO



DA LIBERDADE

A escolha é sua!

PREFÁCIO DE
CHRISTIAN BARBOSA

Gente
EDITORA



Diretora

Rosely Boschini

Gerente Editorial

Carolina Rocha

Assistente Editorial

Juliana Cury Rodrigues e Natália
Mori Marques

Controle de Produção

Fábio Esteves

Preparação

Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico, Diagramação e**Revisão**

Página Viva

Capa

Thiago de Barros

Desenvolvimento de eBook

Loope – design e publicações
digitais
www.loope.com.br

Copyright © 2018 by Fagner
Borges

Todos os direitos desta edição são
reservados à Editora Gente.

Rua Wisard, 305 – sala 53,
São Paulo, SP – CEP 05434-080

Telefone: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Borges, Fagner

A jornada da liberdade : as 4 competências para se tornar o líder da
própria vida e parar de sofrer pela falta de tempo e dinheiro / Fagner
Borges. -- São Paulo : Editora Gente, 2018.

ISBN 9788545202462

1. Sucesso 2. Sucesso nos negócios 3. Autorrealização I. Título

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos milhares de Freesiders espalhados pelos quatro cantos do mundo que acompanham meu trabalho nas redes sociais, no nosso blog em eventos e propagam esse estilo de vida. É graças a vocês que posso transmitir minha mensagem e ajudar milhões de pessoas a alcançar a liberdade. Vocês tornam possível que eu viva da minha missão: "Ajudar pessoas sufocadas pela rotina a se sentirem vivas, alcançando a liberdade de tempo, mobilidade e dinheiro".

Quero agradecer também ao meu pai, Jodenon, e à minha mãe, Nélis, que fizeram das tripas coração para que eu tivesse uma educação digna e são os melhores pais que eu poderia ter. É graças à dedicação incansável e aos valores de honestidade e comprometimento que eles ensinaram que me tornei a pessoa que sou hoje.

Quero agradecer à minha esposa, Gabi, que me ajudou a escrever o livro e se dedica diariamente a levar essa mensagem para o máximo de pessoas possível. Uma pessoa incrível que se esforça dia a dia para transformar a vida das pessoas que nos acompanham.

Aos meus irmãos, Fábio, Chrystian e Ana Flávia, e meu cunhado Diego que sempre nos dão forças e não medem

esforços para atender a um pedido urgente de ajuda (que chega com bastante frequência).

Ao meu sogro, Marcos, e a minha sogra, Luciana, que sempre ajudam no que é preciso e me perdoam sempre que levo a Gabi para viagens pelo mundo.

À minha eterna equipe da Praia Digital: Rodrigo, Mário, Rodolfo, Hugo, Ronaldo, Samuel, Iron, Gabriel, Kalyne, Edu, Bruno, Marco, Nanda, Cesar e Edynaldo, que sempre seguraram as pontas e acreditaram no nosso sonho de levar essa mensagem para o mundo, incansáveis na missão de libertar pessoas dessa rotina maluca.

Ao grupo de Empreendedores de Recife que criamos em 2014 e que lá no começo me incentivou a ensinar o que eu sabia e sempre deu forças para eu seguir em frente e superar obstáculos.

À Rosely, Carolina e toda a equipe da Editora Gente, que tiveram bastante paciência, profissionalismo e dedicação para conseguir publicar esta obra.

E, por último, quero agradecer aos familiares, amigos, parceiros de negócios, seguidores e alunos que não citei nominalmente aqui, mas que são os pilares que permitiram que tudo isso fosse construído; e também às inúmeras pessoas que fizeram e fazem parte dessa história e que possibilitaram que o movimento Freesider crescesse e tomasse corpo para que mais pessoas sejam transformadas.

A todos que de alguma forma tornaram essa jornada possível, meu muito obrigado.

Atitude!

Sumário

Prefácio

Introdução

Capítulo 1

Você pode mudar o rumo das coisas

Capítulo 2

A resposta da encruzilhada

SEÇÃO 1: CONEXÃO COM VOCÊ E COM OS OUTROS

Capítulo 3

Desenvolvendo a competência pessoal – Autoconhecimento

Capítulo 4

Competência pessoal – De dentro para fora

Capítulo 5

Competência interpessoal – Reflexos da nossa mente

Capítulo 6

Competência interpessoal – Como nos relacionamos

SEÇÃO 2: GANHE TEMPO E DINHEIRO

Capítulo 7

Competência financeira – O que aprendemos sobre o dinheiro

Capítulo 8

Competência financeira – Aprenda a ser multiplicador

Capítulo 9

Competência produtiva – Como dominar seus padrões comportamentais

Capítulo 10

Competência produtiva – Use seu tempo como um trampolim

Capítulo 11

A aprendizagem

A melhor escolha que você pode fazer





Prefácio

O que é ter tempo de verdade para você?

Já parou para pensar nessa questão de fato? A maior parte das pessoas está tão apressada na vida, que não consegue nem mais compreender, de verdade, o que significa ter tempo. Ter tempo já se tornou uma utopia ou um artigo de luxo para poucos.

Fomos criados pela sociedade e pelos nossos pais para entender que a forma de dar certo no mundo é por meio de uma boa faculdade, um emprego e, conseqüentemente, crescendo nesse emprego. Depois, casar, ter filhos, e lá na frente se aposentar e curtir a vida mais levemente.

O enredo parece perfeito, mas não é. Você começa a trabalhar enquanto provavelmente ainda está terminando a faculdade, e aí se inicia uma dupla jornada: acordar cedo, ir para o trabalho e depois faculdade. Aos sábados tem de fazer tarefas da faculdade como se você tivesse 40 horas livres por dia. Além disso, ainda há a cobrança dos amigos, da namorada ou da esposa, o que o deixa cansado e sem energia. Dessa forma, tudo começa a ficar

sem sentido. Você vive correndo para lá e para cá e ainda não ganha o que acredita que deveria e não tem tempo para nada.

Eu trabalho com o assunto da produtividade e alta performance desde 2002, quando nem se falava nisso no Brasil. Meu livro, *A tríade do tempo*, é até hoje a maior referência no assunto no país. Nossa metodologia já foi replicada a mais de 2 milhões de pessoas ao redor do mundo. E, com isso, boa parte do nosso trabalho é treinar funcionários das maiores empresas globais para usarem melhor o tempo.

Meu desafio é fazer com que eles produzam mais na empresa, obviamente, mas também não esqueçam daquilo que realmente é importante e faz sentido na vida: da família, do lazer, do esporte, de buscar fontes secundárias de renda. Muitos conseguem enxergar uma luz no fim do túnel, mas outros tantos continuam presos na roda do hamster. É possível ter resultado e qualidade de vida como funcionário de uma empresa? Claro que sim e não tem nada de errado com isso, se esse for o seu perfil.

No entanto, de uns 15 anos para cá, quando começou a se popularizar no Brasil o tal do empreendedorismo, muitas dessas pessoas que se sentiam presas na roda do hamster do emprego formal começaram a pensar: E se eu trabalhasse para mim mesmo? E se eu criasse uma empresa e fosse dono do meu próprio tempo? E se eu ainda ficasse milionário como os empresários que vejo na TV?

E muita gente foi empreender. Muitos quebraram logo de cara e desistiram, outros quebraram, mas persistiram até terem resultado, e alguns criaram negócios incríveis e começaram a ter muito sucesso, mas poucos se tornaram realmente donos do

próprio tempo. Quem disse que empreender seria algo que o libertaria? Muitos empreendedores saíram da roda do hamster do emprego e criaram uma roda-gigante do hamster na própria empresa, diminuindo ainda mais o tempo pessoal, e tornando-se escravos de si mesmos.

Claro que a ausência de um método de produtividade na rotina diária desses funcionários ou empreendedores é o que falta para terem uma realidade com mais performance, resultados e equilíbrio. Todo mundo precisa aprender a gerenciar melhor o tempo, a planejar do jeito correto, a priorizar o que deve ser feito, a dizer não com segurança, a ter uma excelente definição de indicadores e uma estratégia de execução para atingi-los.

E aqui eu retorno à pergunta. O que é realmente ter tempo para você? Para mim, é ter resultados expressivos e o equilíbrio de poder escolher o que fazer e onde. Na melhor definição, é ter liberdade, o que não tem preço, sem um relógio para marcar as horas! Liberdade é algo com a qual nascemos, mas perdemos ao longo dos anos, não é verdade?

Eu adoro dizer que o que faço é dar liberdade para as pessoas. Forte isso, não? E foi assim que eu conheci o Fagner. Fui impactado por um anúncio dele que dizia *freesider*. Eu achei o conceito animal, ou seja, o conceito de liberdade para traçar seu caminho. Assisti ao vídeo dele na praia em que falava que ganhava dinheiro enquanto surfava, e achei o máximo!

Eu acompanhei todo o lançamento do negócio dele, e achei muito viável a maneira como ele ensina as pessoas a criarem a própria liberdade. Um dos conceitos que Fagner apresenta é a

importância de todos sermos vendedores, independentemente da sua área de atuação. E essa é uma lição obrigatória.

Desde que iniciei minha primeira empresa, eu vendia projetos de desenvolvimento de software. Nós éramos bem pagos por projetos, porém os projetos terminam, ou seja, precisávamos ter um time de vendas ativo ou o fluxo de caixa sofreria. Quando vendi essa empresa, coloquei na cabeça a estratégia de ter vários negócios que gerassem dinheiro ao mesmo tempo, com o menor uso possível do meu tempo. Quem coloca todos seus ovos na mesma cesta, aumenta seu risco, seu estresse, consome tempo e ainda tem os mesmos sabores de desafios. E eu gosto de variedade.

Um *freesider* é o cara que aprende a ter variedade, usando o tempo de forma inteligente e com liberdade para fazer isso de onde quiser. Incrível, não?

Quando o Fagner me convidou para escrever o prefácio deste livro, tive a certeza de que nada acontece ao acaso. Assistir ao primeiro vídeo dele, conhecê-lo pessoalmente e ainda descobrir que ele já era meu leitor e curtiá demais *A tríade do tempo*, e agora poder retribuir escrevendo este prefácio, parece a lei do carma ou o “acaso divino”.

Espero que você dedique seu tempo a esta leitura, que tenha um compromisso consigo mesmo. E não digo um compromisso de apenas ler este livro, mas de colocar em prática as 4 competências dos *Freesiders* que o Fagner irá ensinar para você em um período de pelo menos seis meses! Se conseguir em dois meses ou outro período, ótimo! O que não vale é só ler o livro.

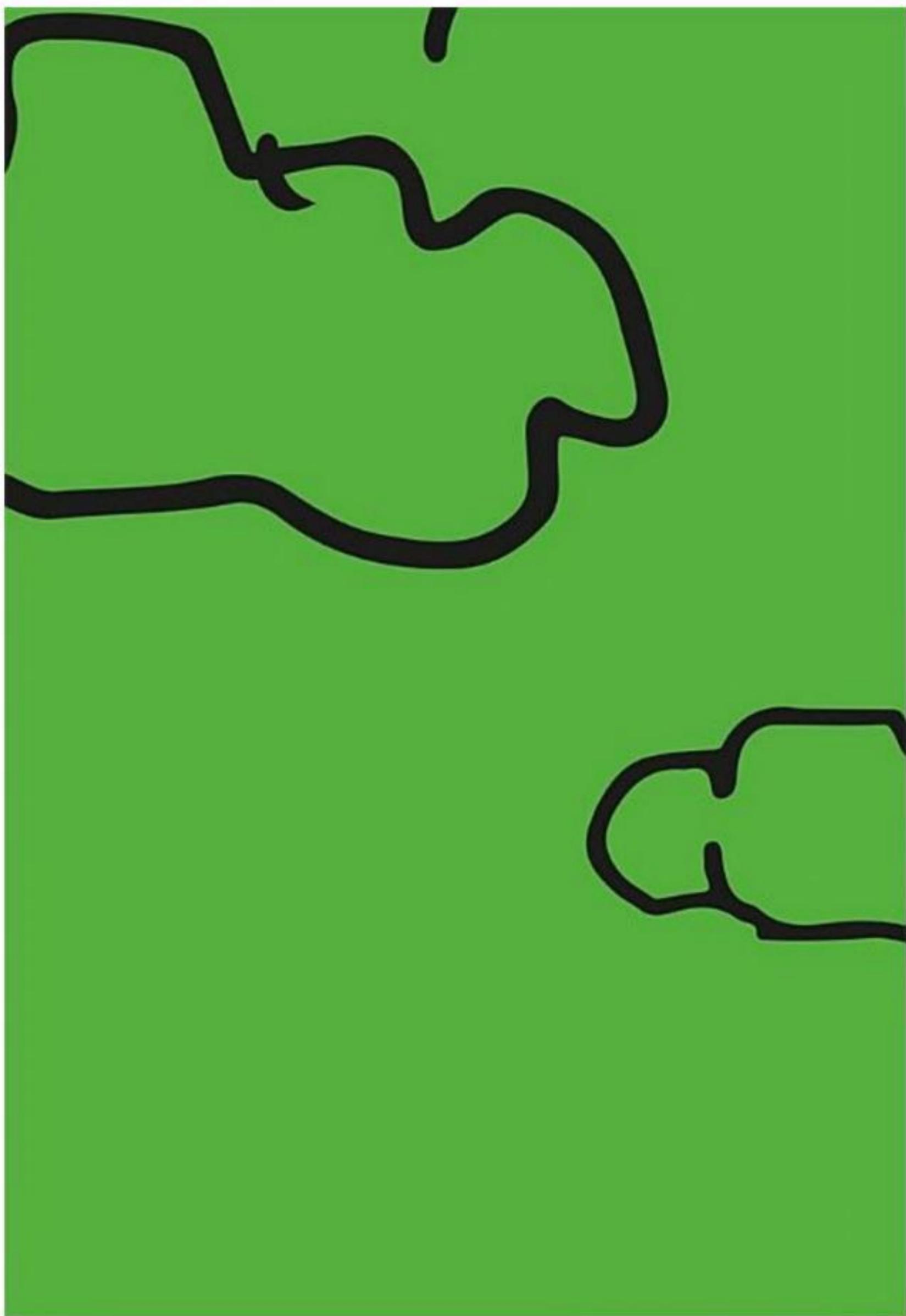
Precisa aplicar, fazer acontecer, usar seu tempo hoje para criar liberdade amanhã. É isso que importa.

Nós nos encontramos pelo mundo!

Vamos andando, que a vida passa rápido demais para quem vive correndo.

Christian Barbosa

Autor do livro *A tríade do tempo*





Introdução

Você. Você mesmo que acabou de comprar este livro – ou ainda não tomou essa decisão e, por enquanto, está apenas *dando uma olhadinha* em uma loja ou livraria. Pode ficar tranquilo: este não é um daqueles comerciais de TV que simula uma conversa com o espectador para tentar convencê-lo de que todos, absolutamente todos os seus problemas serão resolvidos em um passe de mágica. Eu não estou aqui para oferecer um milagre que irá transformar sua vida da noite para o dia.

A primeira coisa que você precisa saber sobre mim é que prezo muito pela transparência – e, assim, não poderia prometer uma pílula mágica que cura tudo em um instante. Antes de conversarmos mais, preciso te contar uma história.

Provavelmente você vai se identificar porque essa é a história vivida por centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. Gente que acredita ter perdido o controle da própria vida em algum momento que ainda não conseguiu identificar. Sabe quando você está dirigindo e não quer a ajuda de nenhum aplicativo ou mapa? A clássica discussão de relacionamento a quatro rodas. Você erra a primeira rua, depois a segunda, a

terceira e, quando menos espera, não faz a mínima ideia de onde está.

Muita gente demora anos para perceber que jamais pensou em ajustar as coordenadas da própria vida. Felizmente, eu não acredito no *tarde demais*. E você também não deveria.

Mas não é fácil, certo? Acordar toda manhã sentindo-se um verdadeiro escravo. Escravo das contas que precisa pagar no fim do mês, escravo do chefe, escravo da rotina. Escravo de um mundo cujas curvas e caminhos não lhe ensinaram. Você aprendeu a fazer soma, subtração, multiplicação e divisão na aula de matemática. Decorou parte da tabela periódica (que já deve ter esquecido, certo?), como usar os porquês e o ano em que a Segunda Guerra Mundial terminou (setembro de 1945, caso sua memória não esteja tão fresca hoje).

O problema é que, no colégio, não nos ensinam a decifrar o rumo que queremos para nossa vida. Como pequenas máquinas, somos obrigados a seguir padrões: estudar alguma coisa que dê o mínimo de dinheiro, encontrar um emprego estável e lidar da melhor forma possível com as adversidades que nos aparecem – ou simplesmente empurrar com a barriga até que tudo se resolva.

Não parece a situação mais animadora do mundo. E ela piora, por um simples motivo: em algum momento, a vida nos cobra por tudo aquilo que deixamos passar.

Você conseguiu, sim, um emprego estável, mas odeia estar lá. Encontrou um grande amor, mas, por conta da rotina atarefada, parece impossível conciliar suas agendas para uma simples viagem para a praia. Caso tenha filhos, sente-se amedrontado

com a simples possibilidade de, por conta de tantas tarefas para cumprir, perder momentos incríveis da relação entre vocês – seja uma apresentação do colégio, uma simples ajuda na lição de casa ou uma daquelas conversas que todos os pais precisam ter com seus pequenos – ou nem tão pequenos assim.

***Muita gente
demora anos para
perceber que
jamais pensou em
ajustar as
coordenadas da
própria vida.
Felizmente, eu não
acredito no tarde
demais. E você***

***também não
deveria.***

***Falta energia.
Falta foco. Falta
aquele brilho nos
olhos que a vida
parece ter tirado
de você com tantos
problemas para
resolver e contas
para pagar.***

Encarar essa realidade é olhar para um espelho borrado, disforme, que não parece refletir tudo aquilo que acreditamos ser. E por mais que muita gente dê risada daquela tristeza dominical, que vem acompanhada de vinhetas dos programas que já estão no ar há décadas, anunciando que, sim, você vai precisar colocar o celular para despertar antes das nove da manhã (dói só de ler, né?), para enfrentar o trabalho mais uma vez.

Você pode pensar que não é por falta de tentativa. Que você tem projetos. Já pensou em estudar algo diferente, abrir seu próprio negócio ou tentar dar um *up* na sua carreira.

No entanto, falta energia. Falta foco. Falta aquele brilho nos olhos que a vida parece ter tirado de você com tantos problemas para resolver e contas para pagar.

É muito simples entrar em parafuso ao se deparar com questões desse tipo. O motivo não é segredo para ninguém: nessas horas, a vida se transforma em uma locomotiva desgovernada – e pior ainda é não fazer a mínima ideia de qual parafuso está faltando, especialmente quando você é o maquinista.

Mas calma: não precisa pular do trem – até porque se curar de todos os machucados custaria mais dinheiro, tempo, e traria mais problemas, coisas que a gente não quer agora, certo?

Estou aqui para te dizer algo do fundo do meu coração – reiterando, uma vez mais, minha promessa de manter-me transparente com você durante todas as páginas deste livro: você não está sozinho no mundo. É comum se enxergar num universo de problemas e crer que aquilo só acontece com você –

mas essa chuva que cai na sua cabeça não é uma minúscula nuvem que azeda só a sua rotina. É uma tempestade de proporções bíblicas que atinge mais gente do que você imagina.

Sabe qual é a boa notícia nisso tudo?

O fato de você não ser a única pessoa a passar por isso também significa que existe muita gente por aí disposta a encontrar as melhores soluções para abandonar essa situação. E essa foi a minha maior motivação para escrever o livro que você está segurando nas mãos neste exato momento.

A segunda coisa que você deve saber é que precisar de dinheiro é diferente de mudar a forma como você encara esse símbolo – e o gasta. Nós ainda conversaremos muito sobre isso, mas a primeira pulga que você precisa colocar atrás da orelha é exatamente esta: muitas vezes o grande problema não é o salário que gastamos, mas a maneira como empregamos o dinheiro.

E, para deixar isso mais claro, recomendo um raciocínio simples: muita gente, ao olhar para trás e encarar seu passado profissional, percebe que recebia um salário muito menor do que atualmente – e não consegue entender como, ainda assim, não vive de maneira confortável.

A terceira coisa que você precisa saber é que todos nós somos vendedores natos. Esta foi uma verdade que me atingiu de uma forma inescapável um dia, e eu sempre fui uma pessoa que tinha dificuldades com vendas. Só de pensar nisso, sentia calafrios – o que foi um imenso problema para mim, já que trabalhei em loja de brinquedos, vendi purificadores de água e até mesmo aqueles produtos que você vê em comerciais cafonas da TV, mas não consegue parar de assistir

***Eu acredito que o
mais importante é
viver experiências,
momentos de lazer;
compartilhar boas
coisas com o
mundo, com as
pessoas que
amamos – e
receber tudo isso
de volta.***

Você não acredita que todos somos vendedores? Então pense em todas as vezes que você procurou um emprego – seja na hora de organizar seu currículo, seja na própria entrevista para a vaga: você estava se vendendo profissionalmente.

Quando tenta convencer seu chefe a investir em algo – ou até mesmo quando era criança e queria convencer seus pais a lhe comprar alguma coisa ou deixar que o futebol da rua se estendesse até mais tarde –, está realizando uma venda, mediando uma negociação.

Infelizmente, graças a uma revisão errada de valores, o vendedor é uma figura marginalizada pela sociedade. Vender parece feio, chato, sinônimo de fracasso. Essa ideia fica tão impregnada em nosso subconsciente que paramos de vender as coisas boas da nossa vida – e deixamos que a locomotiva fique ainda mais sem controle.

No fim das contas, bons vendedores ganham mais que qualquer médico ou advogado. Ao aceitar essa condição inerente, você consegue encontrar uma série de oportunidades que pulam na sua frente – e elas estavam ali o tempo todo, era apenas questão de enxergá-las.

Uma empresa não sobrevive sem clientes, e você é uma empresa de um homem só. Se não souber se vender, estará fadado ao fracasso – mas a história não é essa. Se você já teve um emprego, parabéns: conseguiu realizar uma ótima venda pelo menos uma vez. E abraçar suas aptidões é mais uma curva certa na estrada da vida.

Falei três coisas e você chegou até aqui. Provavelmente deve estar curioso com o *pulo do gato*, aquela frase que vai fazê-lo

pensar “é uma cilada”. Calma. Respire fundo. Está tudo bem.

O ponto é que, se nós estamos aqui (eu, em formato de linhas, frases e algumas piadas que, se tudo der certo, vão fazê-lo rir no meio desta jornada), é para melhorar. Ninguém consegue viver estagnado, sem olhar para o futuro. Isso não é viver, é apenas existir. E eu sei que, aí no fundo, você não quer apenas existir.

Eu sou o criador do *mindset freesider*, uma forma de ressignificar a maneira de enxergar o mundo e encarar o trabalho. Não é uma fórmula mágica, uma pílula ou um produto: é um caminho trilhado para melhorar a vida. Eu acredito que o mais importante é viver experiências, momentos de lazer; compartilhar boas coisas com o mundo, com as pessoas que amamos – e receber tudo isso de volta. Do que adiantaria, no fim das contas, trabalhar muito, ganhar muito dinheiro e não ter nenhum tempo útil para ser feliz?

Dinheiro por si só nunca é suficiente. E ainda que a independência financeira seja um objetivo de todos nós – e algo que você irá aprender a obter –, também é preciso olhar para dentro e buscar o que nos faz verdadeiramente felizes como pessoas.

Esta é a minha proposta para você. Que juntos possamos entender o que você precisa mudar e conquistar para atingir seus sonhos – e entender que sonhos não significam metas inatingíveis, mas aqueles acontecimentos que trazem leveza e satisfação.

Chegou a hora de assumir o controle da sua vida e conquistar tudo o que é seu por direito.

Capítulo 1

Você pode mudar o rumo das coisas

O dia a dia

O despertador do celular toca toda manhã no mesmo horário. Não importa os números que aparecem no visor: é sempre cedo demais. Mais cedo do que você gostaria, é claro, porque na maioria das vezes o atraso é garantido – e aí é preciso realizar todas as tarefas com a maior pressa do mundo: tomar banho, se vestir, virar uma xícara de café sem sequer saborear o líquido e correr para o trabalho.

Seja no transporte público, seja dentro do carro, o trânsito incomoda e tira qualquer resto de paciência que poderia ter sobrado antes de a chave trancar a porta de casa e jogá-lo para a rua. Antes mesmo de chegar ao trabalho, você já está arrependido, desejando que tivesse outra vida, outra rotina e outra maneira de viver.

Você olha outras pessoas que conhece vivendo uma vida maravilhosa, publicando, em seus perfis de redes sociais,

imagens em lugares paradisíacos, curtindo férias fora de temporada, aproveitando tudo o que o mundo tem para oferecer. E, claro, sente-se deslocado, incomodado, deprimido. O motivo é simples: nada disso está acontecendo com você – e parece que nada conspira a seu favor.

Essa era a vida de Luciana Mussoi, a curitibana de 33 anos que trabalhava como pedagoga de projetos em uma instituição de nível nacional no Paraná. Ainda assim, não se sentia valorizada: apesar da proatividade e da vontade de inovar, seu ambiente de trabalho não permitia ir além – seja pelas burocracias da empresa, seja pelas tentativas de derrubá-la, realizadas por colegas (nem um pouco colegas) de trabalho.

E isso é comum: uma vez no seu emprego, é como se os ponteiros parassem de correr e decidissem tirar uma soneca: o tempo para – e não há demanda suficiente para fazê-lo voltar ao normal. Parece que uma semana inteira consegue percorrer as horas que você precisa passar dentro do seu local de trabalho. No entanto, finalmente, depois de infinitas horas, você consegue ir para casa.

Com pouco tempo para aproveitar, você prioriza a novela, o jornal ou alguma série na intenção de esquecer o trabalho e aquele dia cansativo. Ainda assim, os problemas não param de correr na frente dos seus olhos: contas atrasadas, cansaço, falta de disposição, uma tristeza que parece preencher o peito. A ideia de estar preso na mesma rotina para sempre é sufocante, mas você não enxerga nenhuma saída. Qualquer remota ideia, qualquer faísca de solução sempre parece dar no mesmo lugar: um beco sem saída.

A comida não tem o mesmo gosto de antes. A água da ducha nunca parece deixar seu corpo pronto para a cama. O colchão não está macio o suficiente. O resultado? Mais um dia sem graça e insuportável.

Esse era também o retrato da rotina de Luciana e, como se não fosse suficiente, ela ainda recebeu uma notícia que mudaria sua vida para sempre – e intensificaria ainda mais seus problemas profissionais: a vinda de um filho. Esse momento, tão feliz na vida de uma pessoa, tornou-se momentaneamente ofuscado por todo o sofrimento que Luciana sentia em seu emprego. Sua médica deu o ultimato óbvio: se continuasse naquele ritmo desenfreado (e muito prejudicial emocionalmente), o bebê estaria em risco.

Sem conseguir mudar sua estrutura de vida, durante a gestação o inevitável aconteceu: Luciana foi diagnosticada com uma doença e precisou tomar uma decisão. Assim, afastou-se do serviço e dedicou-se exclusivamente à criança que iria chegar. Esse foi um momento-chave na vida dela: em casa, longe de todo o estresse e como a única dona de seu tempo, Luciana pôde navegar pelo mundo digital e se encantar com a possibilidade de ser feliz profissionalmente sem abdicar de seu maior amor. O motivo para dar esse passo? Uma simples pergunta: “Quanto vale minha saúde?”.

O nascimento da criança agravou ainda mais a situação de Luciana, já que seu filho ficava doente frequentemente e, em determinado momento, contraiu a doença mão-pé-boca, simples, mas que precisava de cuidados especiais por cinco dias. O detalhe? Seu emprego aceitava apenas duas faltas anuais por atestado de acompanhamento de mães. Apresentando aquele

atestado, Luciana “gastaria” suas faltas por mais dois anos de trabalho – algo incompreensível para uma mãe cuidar do seu bebê por apenas dois dias ao ano. Assim, ela passou os cinco dias com seu filho, e seu gerente descontou suas faltas, o que foi a gota d’água para a paciência dela.

Muitas pessoas passam pelo drama de Luciana, e acabam pensando a mesma coisa: *Se Deus quiser, tudo mudará um dia.*

Toda vez que você fala isso, a mensagem que envia para sua mente, consciente e subconscientemente, é que você não é o verdadeiro responsável por seus atos – e pelo resultado deles. Tudo fica na responsabilidade de outra pessoa, que deve cuidar de você como o ser humano mais importante do mundo.

Você é especial, certo? E, como alguém especial, merece tudo de bom e do melhor. É dever do mundo, então, dar-lhe isso. É injusto, para dizer o mínimo, viver a vida que você vive. Não foi o que você sonhou. Não é aquilo que aprendeu na TV, nos filmes. E o problema é um só: a partir do momento em que você não é mais responsável por aquilo que faz, suas conquistas saem de suas mãos.

A infelicidade continua porque você decidiu terceirizar suas responsabilidades. Porque tudo o que lhe interessa são as coisas boas, a bonança, a colheita. Mas como seria possível chegar à colheita se você sequer está participando da plantação?

Um dos principais mandamentos de um bom empreendedor é saber que você é responsável por aquilo que conquista. Que tal deixar a frase “Se Deus quiser” e substituí-la por “Com fé em Deus”? Dessa maneira, você se torna o próprio responsável pelos

seus resultados – e sua fé irá prover toda a força necessária para perseguir seus objetivos.

Explico: a partir do ponto em que você entrega tudo na mão de outra pessoa, Deus, seu pai, patrão, ou simplesmente torce para que as coisas deem certo, está se eximindo de tudo. E ainda que as recompensas viessem (o que é quase impossível), qual seria a graça de aproveitá-las? Mais: quais as chances de que voltem a aparecer?

***Um dos principais
mandamentos de
um bom
empreendedor é
saber que você é
responsável por
aquilo que
conquista.***

Não é preciso perder sua crença: muito pelo contrário. Use-a como a força motriz necessária para alcançar seus sonhos, lutar por aquilo que deseja, mudar o modo atual como vive a vida, enxergar as coisas e lidar com o mundo que o cerca.

Foi justamente isso que Luciana fez: assumiu suas próprias responsabilidades, usou de toda sua fé como um impulso para perseguir seus objetivos e, ao trocar “se Deus quiser” por “com fé em Deus”, conseguiu mais tempo para seu filho e para perseguir seus objetivos.

Mas não é só a terceirização dos nossos problemas que pode prejudicar nossos sonhos: a valorização do esforço também é um inimigo perigoso e silencioso.

A síndrome do esforço

Uma simples pergunta pode dizer muito sobre as pessoas. Não estou falando da sua cor favorita ou daquele filme que você assiste sempre que está passando na TV, mas de algo um pouco mais complexo – e, ainda assim, simples.

Responda com sinceridade. Quem ajudou mais gente: Madre Teresa de Calcutá ou Bill Gates?

Muita gente, num primeiro momento, pensa na primeira opção. Madre Teresa, afinal de contas, dedicou toda sua vida para ajudar os necessitados. Com um coração de ouro, ela abdicou de qualquer riqueza, bonança ou luxo para estender a mão aos outros.

Como ela poderia ser comparada a Bill Gates? Já vi pessoas chocadas com a simples menção dos dois nomes tão próximos:

uma mulher que viveu em prol dos outros e outro que acumulou muitas riquezas.

Mas é aí que muita gente se engana: em 2010, Bill Gates doou mais de US\$ 37 bilhões,¹ assim que deixou o controle da Microsoft. Ao lado de sua esposa, criou a maior fundação de caridade que já existiu, a *Bill and Melinda Gates Foundation*. E, mesmo assim, isso nada significa para as pessoas que sofrem de algo que eu e o meu amigo e coach Adilson Nicoletti gostamos de chamar de síndrome do *esforço*.

Essa síndrome, por assim dizer, não é física: ela afeta o inconsciente das pessoas que só valorizam o esforço em vez do resultado alcançado.

Temos a tendência a acreditar que devemos estar a serviço do outro, e nunca de nós mesmos. É assim que definimos a bondade, o sucesso, e nos anulamos em relação ao resto do mundo.

Os motivos são simples: graças às crenças negativas, criadas apenas para justificar diferenças sociais, fomos educados para acreditar que dinheiro é o grande mal do mundo e que a desigualdade só existe por conta dele. Assim, valorizamos a pobreza. Quantas vezes você não ouviu (ou falou) expressões do tipo “Dinheiro não traz felicidade”, “Deus ajuda quem cedo madruga” e “Sou pobre, mas sou limpinho”? Quantas vezes nós nos emocionamos com histórias de pessoas que chegaram a algum lugar sem um tostão no bolso, e repreendemos aqueles que obtiveram sucesso e riquezas? Tudo isso resulta no fortalecimento de crenças relacionadas a esforço – ao valorizar

este esforço e apenas ele, ignoramos qualquer resultado alcançado.

***Fortalecer as
crenças
relacionadas a
esforço faz com
que a sociedade
continue
acostumada a se
contentar com um
salário, baseando
seu valor nas horas
trabalhadas, em***

***vez do resultado
que você entrega.***

Mais do que isso: o dinheiro não passa de uma representação de algo construído por nós – e ganhar mais não significa que outra pessoa está perdendo, mas que algum tipo de transformação aconteceu. É como se todos nós fossemos fazendeiros: alguém que cria galinhas e obtém êxito com isso não está prejudicando uma pessoa que cria porcos; ambos podem melhorar suas estruturas e aumentar a criação de seus animais para que mais transformação possa acontecer: trocar mais, garantir que mais pessoas tenham acesso a essa criação etc. A partir do momento em que todos ganham mais, o mundo ganha abundância e perde escassez, pois entendemos que o sucesso de um não impede o sucesso do outro.

É por isso que, para muitos, é difícil reconhecer a bondade e os frutos criados por Bill Gates, que é um dos homens mais ricos do mundo enquanto, ao mesmo tempo, é muito fácil enaltecer Madre Teresa: ela dedicou a vida para cuidar de pobres e doentes.

De maneira alguma quero aqui diminuir ou questionar a importância do que Madre Teresa realizou em favor dos mais necessitados. Ela é uma grande inspiração para mim! Mas a reflexão que o convido a fazer é trazer um novo olhar para aquilo que valorizamos, pois, ao vermos a trajetória de Bill Gates, entendemos que, mesmo aqueles que focam em resultado, podem realizar algo grandioso pela humanidade sem necessariamente abdicar de sua vida.

Fortalecer as crenças relacionadas a esforço faz com que a sociedade continue acostumada a se contentar com um salário, baseando seu valor nas horas trabalhadas, em vez do resultado que você entrega. O que importa, no fim do dia – para seu chefe,

para seus colegas de trabalho e, em certo ponto, para você –, é parecer ocupado. Afinal, você tem uma carga horária obrigatória a cumprir. E isso torna as pessoas viciadas em ocupação, já que a ideia é vender sua hora e, por consequência disso, elas perdem o controle da própria vida e passam a existir em um fluxo insano de trabalho, deixando de viver para aplicar todas as horas disponíveis em algo que não as completa nem sequer as beneficia da melhor maneira possível – tudo por uma falsa promessa de que, quanto mais horas venderem, mais retorno obterão. Nesse modelo, porém, seus ganhos se tornam limitados e você é tomado por uma falsa sensação de segurança – já que, queira ou não, sua renda acabará estagnada, pois as horas do nosso dia são um recurso que se esgota (e, por mais que muita gente desejasse isso, elas nunca passam de 24).

Você pode discordar e pensar que, num emprego estável, seu salário aumenta, de tempos em tempos, seja por promoções ou, pelo menos, o ajuste de dissídio. No entanto, até isso se transforma em um problema quando seu salário fica *alto demais* e a empresa sabe que pode contratar alguém para realizar a mesma função que a sua, por um preço muito menor. O resultado? Seu valor vai embora e a demissão é apenas uma questão de tempo.

Percebe como a segurança de um salário é bem relativa, já que o seu valor é contado em horas e em uma remuneração fixa?

Já quando se trabalha com foco nos resultados, a remuneração tem uma relação direta com sua capacidade – e todo mundo sai ganhando, já que quem contratar seu serviço receberá exatamente o que estava pedindo. Não importa quanto

você ganha, se você gera mais resultado que o valor que recebe, a conta é perfeita e você não será substituído.

Meu ponto é simples: quanto mais pessoas impactamos, mais resultados obtemos. Basta pensar em um jogador de futebol que se torna alvo de críticas por ganhar salários estratosféricos, enquanto um médico, por exemplo, pode não ganhar tanto assim. Muitas pessoas podem olhar para esse cenário tão comum em nossa sociedade e achar injusta essa matemática.

O que muitas vezes não percebemos ao olhar esse exemplo é que o ponto não é mensurar qual trabalho é mais importante, mas entender a diferente escala de impacto que esses profissionais realizam. Nesse caso, o jogador está atingindo muitas pessoas: dezenas de milhares de fãs, dirigentes de seu clube, empresas que patrocinam o time (e o próprio atleta), audiência para os canais que transmitem a partida e, com seu talento, acaba gerando muita receita para toda essa rede, além de proporcionar entretenimento para milhares de pessoas, que contam as horas para vê-lo jogar e nesse período esquecem dos problemas e ganham fôlego para mais uma semana de trabalho. Enquanto isso, o médico atende um paciente por vez. Então, mesmo que ele ganhe algumas centenas de reais por paciente atendido, um craque da bola fatura, ao mesmo tempo, centavos de milhões de pessoas (e fontes) diferentes. Portanto, seu valor está diretamente relacionado com o alcance e o impacto que ele gera por meio de suas competências.

O que quero dizer com tudo isso é: precisamos rever a maneira como temos levado nossa vida profissional e, para isso, gosto de dividir as nossas relações atuais de trabalho em quatro

grupos – e é muito possível que você se enquadre em algum deles.

- **Baixo esforço e baixo resultado:** você está sobrevivendo, acomodado com a vida e trabalha para pagar as contas – com muita dificuldade.

- **Alto esforço e baixo resultado:** você é quase um missionário, já que entrega a vida por algo que não lhe traz nenhum retorno, na esperança de um dia ser recompensado.

- **Alto esforço e alto resultado:** você é viciado em trabalhar e acredita que só é possível ter resultados se o esforço for máximo. Ninguém o entende: seus amigos acreditam que você está maluco, sua família sente sua falta e, na sua cabeça, isso acontece porque eles não entendem você. São injustos – mas, um dia, enxergarão que você estava repleto de razão. O problema é que, se esse dia chegar (e talvez isso nunca aconteça), você estará velho e solitário, e a vida terá corrido diante de você. Será tarde demais para mudar isso.

- **Baixo esforço e alto resultado:** você tem um talento nato para curtir a vida de maneira plena. Sente-se vivo, realizado e sabe que, com as ferramentas certas, é possível gerar um alto resultado sem dedicar horas e horas em seus trabalhos.

É neste último cenário que se encontram os *freesiders* – pessoas que sabem o caminho para gerar resultados usando o poder inesgotável da internet de construir liberdade de tempo, mobilidade e dinheiro. Ou seja, pessoas que se apoderaram do seu poder de escolha.

E eu estou aqui para mostrar a você como chegar lá. Mas, antes, preciso lhe contar os três motivos que me transformaram em um *freesider*.

As razões que me fizeram mudar de rota

1. Liberdade de tempo

Iniciei minha carreira como servidor público e percebi que, ali, jamais encontraria liberdade. Eu poderia pedir uma folga para meu chefe, tinha direito a duas férias no ano, mas isso não era suficiente: não seria possível sair do meu trabalho no momento em que quisesse. A ideia de um passeio de kart durante uma tarde de quarta-feira, por exemplo, seria maluquice. Ficar em casa em um dia de preguiça também. Era preciso estar no lugar acordado, durante as horas combinadas para receber a exata quantia de sempre.

Hoje, como um *freesider*, é possível escolher o momento em que desejo trabalhar – e, se quiser abdicar de uma segunda-feira para me dedicar num domingo produtivo, está tudo certo. Não preciso pedir autorização para comer, acordar, dormir, viajar ou simplesmente descansar. Faço o que quero, quando quero e no momento mais oportuno para meus negócios.

2. Mobilidade

Sempre quis viajar. Dentro de mim já vivia uma vontade de conhecer o mundo, morar em outros países, ter novas experiências. Uma grande paixão sempre foi a praia – e, trabalhando no meio da região Centro-Oeste do Brasil, isso seria

impossível: como você bem sabe, não existem praias em Goiânia. Hoje, posso morar onde quiser: no Chile, na Tailândia, nos Estados Unidos ou em Recife. Só existe uma exigência: conexão com a internet. No fim das contas, preciso manter meu estilo de vida através dos meus negócios – mas, considerando que todos os lugares que me atraem dispõem de uma boa conexão, isso nunca foi um problema, e nunca deverá ser.

3. Liberdade financeira

Por mais que eu tivesse um bom salário e conseguisse guardar parte da minha renda, podendo até mesmo conseguir investimentos e, lá pelos 60 e poucos anos, conseguir minha aposentadoria, nunca senti que era o suficiente. Eu não ficaria pobre trabalhando como servidor público, mas também ficaria preso eternamente na classe média.

Desde que me entendo por gente, quero ser rico. Almejo bons carros, boas casas, ir para lugares distantes e conhecer novas culturas, comidas, pessoas. E quando você não dispõe de liberdade financeira, todos esses objetivos se tornam distantes, inatingíveis.

No entanto, quando você já tem liberdade de mobilidade e tempo, o jogo vira: seu dinheiro passa a valer mais. Em vez de precisar esperar os momentos clássicos de férias – férias escolares ou festas de final de ano –, você pode aproveitar estações fora de temporada e encontrar tudo – carro para alugar, passagens aéreas e estadia – a preços muito mais acessíveis.

A liberdade de tempo e mobilidade faz com que seus rendimentos independam da sua constante presença física para

tomar decisões e realizar suas atividades profissionais. Você pode experimentar viver em outros lugares como morador, não como turista – e essa diferença traz muito valor. Afinal, ninguém precisa ser rico para morar em Dubai, Singapura ou Nova York, você pode morar em qualquer lugar desde que possa adaptar sua rotina. E com um trabalho baseado na internet essa dinâmica se torna muito mais fácil!

Quando você é remunerado pelo seu resultado, e não pelas horas que trabalha, seu resultado se torna exponencial. Quanto você ganha não depende mais de um acordo de sindicato, dos seus chefes, de uma possível greve: depende única e exclusivamente de você. Você é o responsável pelos seus ganhos – e, conseqüentemente, pela sua felicidade. E foi isso que Luciana aprendeu com o tempo – mas este assunto fica para outro momento.

1. Buffett donates \$37bn to charity. *BBC News*. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/5115920.stm>. Acesso em: mar. 2018.